

OBSERVATÓRIO RACIAL DA MÍDIA HEGEMÔNICA BRASILEIRA - 2023

RELATÓRIO DE AGOSTO

Autora: Ana Beatriz dos Santos Menezes.

Orientação: Márcia Guena.

OBJETIVOS

O subprojeto Observatório Racial da Mídia Hegemônica Brasileira possui como objetivos principais: observar quais pautas têm tido espaço na mídia hegemônica, no que diz respeito ao debate racial; analisar o enquadramento das notícias mapeadas com maior repercussão e produzir análises periódicas sobre a cobertura realizada por esses veículos. Há uma profusão de pesquisas que apontam para a permanência do racismo na cobertura realizada pelos grandes veículos de imprensa. Por isso, acreditamos ser necessário observar e ter um olhar crítico para essas construções da mídia.

Acreditamos que os dados dessa pesquisa possam subsidiar ações, junto à mídia, no sentido de alertar, em articulação com a ética jornalística, sobre a urgente necessidade de mudanças nas rotinas produtivas no campo do Jornalismo que culminam em coberturas racistas. Nessa perspectiva, tem-se como objeto de estudo e *corpus* da pesquisa veículos da mídia hegemônica, no jornalismo digital, sendo estes a Folha de São Paulo (FSP), o G1 e o UOL. Neste relatório, têm-se resultados de junho de 2023, pesquisados pelas palavras-chave: negros, negras, racismo e raça, e trazendo o recorte de sexo e raça.

METODOLOGIA

Foram coletadas matérias jornalísticas de todas as editorias, exceto no painel do leitor e newsletters - pois estes formatos não se encaixam nos requisitos das pesquisas e análises - durante todos os dias do mês de agosto de 2023. As matérias foram pesquisadas na *internet* por meio das seguintes palavras-chave: negros, negras, raça e racismo. Neste relatório apresentamos os dados quantitativos e algumas inferências analíticas, baseadas na teoria do enquadramento.

Desse modo, quanto às fontes, utilizamos a nomenclatura do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a qual considera negros a soma de pretos e pardos. Para caracterizar uma fonte quanto ao pertencimento racial, realizamos pesquisas na internet, em busca de classificações e autodeclarações, além de nossas percepções.

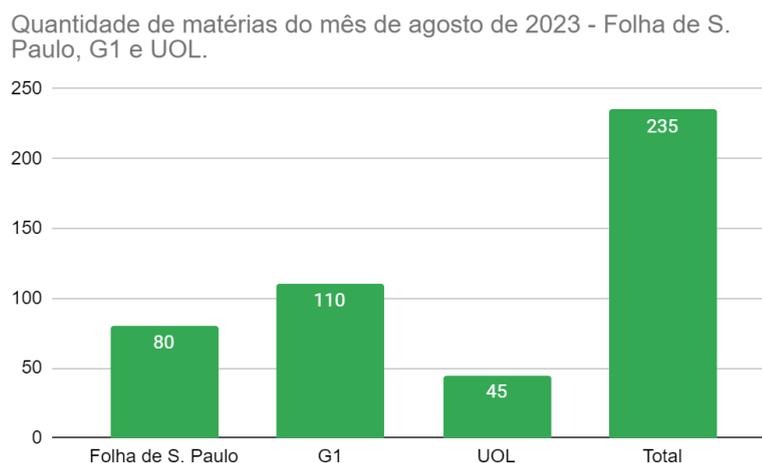
Como proposta de organização da coleta, criamos uma tabela no Google Planilhas com tais tópicos: título; subtítulo; palavras-chave usadas na busca; autor ou agência; link; editoria e quantidade de parágrafos / tamanho da imagem em colunas.

As tabelas possuem linhas dedicadas às fontes ouvidas, mas adicionamos os nomes, o gênero, a raça das fontes e se são credenciadas para falar sobre o tema ou não, além da quantidade de

fontes consultadas. A tabela ainda questiona se a matéria veicula as causas e efeitos do tema noticiado e se há percepção de estereótipos ou preconceitos.

Por fim, incluímos a pergunta sobre qual a melhor metodologia de análise a ser utilizada, dentre as quatro opções seguintes: a análise do discurso, a teoria do enquadramento, a análise de conteúdo e a análise de imagem.

O gráfico abaixo ilustra a quantidade de matérias por veículo durante o mês de julho e destaca o total.



Fonte: elaborado pela autora.

Folha de São Paulo

Na Folha, em agosto, encontrou-se 80 matérias, sendo ouvidas 115 fontes: 63 homens — 30 brancos e 33 negros — e 52 mulheres — 13 brancas e 39 negras; não foram ouvidas(os) indígenas. Observou-se que nesse mês a Folha ouviu mais homens do que mulheres: foram 63 homens, comparado a 52 mulheres. Entre os homens, não houve tanta disparidade na raça, apenas três fontes de diferença. Já entre as mulheres, ouviu-se mais negras do que brancas; a diferença chegou a ultrapassar o dobro.

Com relação aos enquadramentos usados, nota-se que a maioria segue pelo caráter oficialista, presente em 40, e temático, em 38, sendo ouvidas sumariamente fontes oficiais, de órgãos do governo e de entidades não governamentais, além das vítimas e pessoas ligadas, as chamadas fontes oficiosas. No entanto, foram ouvidas muitas fontes de movimentos organizados, como o Movimento Negro Unificado (MNU).

G1

No g1 em agosto foram encontradas 110 matérias e ouvidas um total de 196 fontes, das quais 102 são homens — 59 brancos, 39 negros e 5 indígenas — e 94 são mulheres — 23 brancas, 29 negras e 4 indígenas. Nesse mês, o veículo publicou um número de matérias inferior ao de

fontes; No que se refere ao recorte de sexo, não houve uma diferença significativa; contudo, entre os homens a uma diferença de 20 fontes entre negros e brancos; E entre as mulheres a diferença de apenas seis fontes. O que chama atenção é que, em agosto, ouviu nove contos indígenas, sendo cinco homens e quatro mulheres, diferenciando-se dos outros jornais neste período.

Identificou-se que a maioria dos enquadramentos segue pelo caráter oficialista e episódico – em cerca de 78% das matérias encontradas –, sendo ouvidas sumariamente fontes oficiais, de órgãos do governo e de entidades não governamentais, além das vítimas e pessoas ligadas, as chamadas fontes oficiosas. Porém, foram identificadas 12 que têm o caráter temático; contextualizam o tema, trazem causas e efeitos, têm certa pluralidade nas fontes e não reproduzem estereótipos e/ou preconceitos.

UOL

Por fim, no UOL, em agosto, encontrou-se um total de 45 matérias e foram ouvidas 82 fontes, das quais 47 são homens — 25 brancos, 21 negros e 1 indígena— e 35 são mulheres — 11 brancas e 24 negras. Diante disso, enxerga-se que o UOL em agosto fez uma cobertura que ouviu mais homens do que mulheres, mas não houve diferença significativa: correspondeu a 12 fontes. Quanto à raça, observou-se que foram ouvidas mais mulheres negras do que brancas, além de ter sido ouvido um homem indígena.

a maioria dos enquadramentos encontrados segue pelo caráter oficialista, em 37, episódico, em 4, de conflito, em 7 e temático, em 17 dos textos, sendo ouvidas sumariamente fontes oficiais, de órgãos do governo e de entidades não governamentais, além das vítimas e pessoas ligadas, as chamadas fontes oficiosas.